

ALBERTO CASTELLANOS - RELATO SOBRE OS SEUS ÚLTIMOS DIAS

O Professor Alberto Castellanos para mim sempre foi mais um pai do que simplesmente um orientador na Botânica. Em 1968 eu vinha trabalhando com ele, aos sábados, no Herbarium Bradeanum. Durante o mês de março ele iniciara um novo curso de Botânica Sistemática, às terças e quintas-feiras, e em julho fora gozar duas semanas de férias em Itabuna, Bahia, e ao mesmo tempo colaborar com o herbário do Centro de Pesquisas do Cacau, CEPEC, quando passou a sentir-se mal, regressando logo ao Rio de Janeiro. Em princípios de agosto sofreu uma intervenção cirúrgica e constatou-se um tumor incurável no fígado. Mesmo no hospital conversava sobre os seus futuros planos de escrever as Cactaceae do Brasil e ficava inteirado das notícias pela leitura dos jornais que os seus alunos lhe faziam diariamente. Sobre religião dizia-se agnóstico.

Em primeiro de setembro, domingo, o mal se agravou e nada mais pode ser feito a não ser aplicar injeções para minorar as dores. De acordo com a escala de plantão noturno organizada pelo nosso amigo José de Paula Lanna Sobrinho, competia a mim passar a noite de 4 para 5 de setembro, no quarto "A" da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, onde se encontrava internado o Prof. Alberto Castellanos. Ao entrar no quarto encontrei-o sendo assistido pelo Prof. Dr. Luiz Emygdio de Mello Filho e pela enfermeira D. Luíza. Pouco antes das 22 h. o Prof. Luiz Emygdio retirou-se para sua residência. Por volta das 22h 30min. ele chamou-me pelo nome. - "Cá estou, Professor," respondi segurando-lhe a mão esquerda. - "Que coisa brutal!" exclamou ele sem ter forças para erguer as pálpebras. À meia noite entrou em delírio passando a falar em castelhano, como se estivesse trabalhando em um laboratório e a dar instruções a seus alunos. Outras vezes repetia incessantemente um chamado familiar: "- Mi madre..." Mi madre..." Coloquei, então, na sua mão direita, uma cruz de madeira que ele segurou com bastante força durante uns dez minutos. Retirei depois, lentamente e deixei-a à cabeceira, onde ficou até a sua morte. Em intervalos de duas a três horas a enfermeira ia aplicando injeções mas as dores não cessavam. Ao amanhecer ele pareceu recobrar a lucidez e pediu-me, com insistência, para ajudá-lo a levantar. Com um gesto de cabeça a enfermeira deu-me a entender que não o fizesse. Logo depois o Professor Alberto Castellanos entrou em uma grande prostração e deu seu último suspiro.

Jorge Pedro Pereira Carauta
FEEMA, Estr. da Vista Chinesa 741,
Alto da Boa Vista, 20531-410 Rio de Janeiro, RJ